

Rev. 25070

A Universidade como instituição social: seus paradigmas e sua função principal*

Laura Maria Vidal NOGUEIRA**
Antonio de Pádua Serra da SILVEIRA**
Maria Liracy Batista de SOUZA**

O presente texto refere-se a evolução histórica da Universidade, mais especificamente aos paradigmas que nortearam e norteiam a prática do ensino superior no mundo. Aborda o desenvolvimento da docência, da pesquisa e da extensão na concepção de cada um dos paradigmas que determinaram a evolução da prática Universitária. O paradigma do ser comporta um ensino escolástico espelhado na Universidade de Paris, essencialmente voltado ao ensino; o paradigma do saber baseado no positivismo caracterizado por um grande impulso na investigação científica e o paradigma social que fundamentalmente atende as necessidades sociais preparando homens para competição internacional, através do ensino, da pesquisa e da prática extensionista. A Universidade tem como compromisso social a perpetuação do saber e a transformação da sociedade (Darcy Ribeiro, 1969). Os processos de construção do conhecimento, identificados com a Pesquisa, o Ensino e a Extensão, se constituem a base para a criação, a construção do conhecimento propriamente dito e a viabilização do aprendizado em situações reais de vida.

Paradigma do ser – tem sua origem na França, embora tenha alcançado sua forma clássica na Inglaterra. A Universidade de Paris figura na história como a precursora do ensino superior, por ter sido modelo para diversas escolas em nível mundial, entretanto é importante referir experiências muito anteriores de ensino superior em Constantinopla nas áreas de Teologia, Direito e Medicina; e no Cairo com o ensino profissionalizante de Teologia. Segundo José Antônio Tobias (1996) este fato está relacionado primeiramente a falta de um conceito científico de Universidade, associado a inaceitabilidade por parte de europeus da origem universitária fora de seu continente. Durante 100 anos o ensino superior Francês se constituiu em Sistemas de Escolas Superiores.

Esse modelo favorecia, unicamente as elites e apresentavam caráter ético e religioso, objetivando a formação de conhecimentos e de valores. O currículo era abrangente e geral pois as pessoas se preparavam apenas para serem cultas e não para exercerem uma profissão. O professor era o centro do saber, e o ensino desvinculado da prática, com priorização e valorização apenas do conhecimento teórico; e a investigação científica se dava somente através da reinterpretação dos conhecimentos clássicos já existentes, não contribuindo à novas descobertas.

Nessa época o fundamento epistemológico era o escolaticismo, com predomínio da aquisição do conhecimento a partir da memorização de conteúdos. As Universidades se auto financiavam e portanto contavam com plena autonomia e poder.

A Universidade Inglesa contou com o ensino tutorial pessoal de estudantes reunidos em comunidades universitárias, cujos professores eram religiosos.

Paradigma do saber – surge concomitantemente com o sistema capitalista, ocasionando alterações significativas na estrutura e concepção ideológica das Universidades, sendo Alemanha o país que melhor desenvolveu esse modelo. Sua característica principal é o ensino epistemologicamente apoiado no positivismo, com relevante contribuição ao desenvolvimento técnico-científico contemporâneo.

Os avanços sociais vigentes exigiam uma estrutura universitária que desse conta das necessidade que se apresentavam entre os homens, como por exemplo a disseminação do interesse pelo aprendizado, dessa vez, não de forma generalista, mas por campo do saber, concorrendo para o surgimento das profissões específicas e seus métodos próprios de ensino. Essa apropriação do saber impulsionou a prática da investigação científica, direcionando a construção do conhecimento não só aos ensinamentos já existentes, mas aos novos conteúdos oriundos de trabalhos científicos comprovados.

*Artigo escrito como parte obrigatória da Disciplina Universidade e Sociedade do Curso de Mestrado em Docência Universitária da Universidade do Estado do Pará.

**Alunos mestrandos do Curso de Mestrado em Docência Universitária da UEPA em convênio com o Instituto Latino Americano e Caribenhos do Ministério da República de Cuba.

A revolução industrial inglesa e o desenvolvimento da ciência e da técnica, favorecendo o controle da Universidade por parte do Estado, que passou a determinar os campos do saber em razão das necessidades profissionais, ocasionando a perda de autonomia.

Paradigma social – considerado por alguns autores, surge na Inglaterra, porém tem evolução clássica nos Estados Unidos, no início do século XX.

Se manifesta com surgimento de profissionais que se interessam pela investigação e filosofia profana, e fundamentalmente, pela pressão da sociedade para atendimento de seus anseios.

As Universidades que se enquadravam a partir desse paradigma apresentavam uma estrutura federativa e o Reitor era um mero representante do Governo, que através de seu aparelho ideológico influenciava em todos os processos necessários à construção do conhecimento, especialmente a pesquisa que estimulada por financiadores externos, cultivava as ciências experimentais, e dessa forma controlava as atividades desenvolvidas, quer seja de docência, quer seja de extensão. Portanto as Universidades reduziram sua autonomia e a partir daí tornaram-se burocratizadas, para que o poder público exercesse maior controle sobre suas funções. Exerceram papel de grande estimulador da carreira científica e universitária contribuindo para acarretar maiores custos para si própria, ou seja para a própria máquina administrativa, e que no sentido de manter o controle sem onerar tanto o Estado, propunha a transformação da sociedade frente a seus próprios (do governo) objetivos.

Dessa linha de formação superior, o ensino é combinado com o trabalho produtivo com a nítida difusão maciça, mas com seletividade competitiva e ensino de melhor qualidade.

O paradigma social que fundamentalmente fomentou as estruturas e funcionamento das Universidades no início deste século, repousa em fundamentos provocados pela sociedade, num sistema de reivindicação de seu espaço nas instituições de ensino superior; apesar disso seus anseios não foram ou não são plenamente satisfeitos, pois o poder público, percebendo a oportunidade de controlar a sociedade, frente as provocações ambientais e tecnológicas, de-

terminou as regras para atendimento da mão de obra produtiva e estimular a máquina estatal para o exercício absoluto do poder. Nesse enfoque se desvirtua da perpetuação do saber e da transformação social, voltada aos interesses da própria sociedade e parte para a preparação do homem internacionalmente competitivo, com capacidades revolucionárias frente aos objetivos do próprio ente estatal.

Percebe-se nesse panorama a qualificação do ensino com meios e métodos mais apropriados à realidade, embasado pela investigação científica e sedimentado pela extensão através da combinação ensino-trabalho.

Ao estabelecer os padrões fundamentais de organização e funcionamento das Universidades é imprescindível a compreensão de instrumentos conceituais que influenciaram e influenciam o alcance dos objetivos das Universidades e do cumprimento de sua função social, muitas vezes distorcidas e desagregadas de seu papel em relação à sociedade.

Os processos essenciais ao cumprimento desses objetivos e função, são reflexos da evolução histórica de nove séculos de experiência, cujo paradigmas foram sofrendo as modificações decorrentes das necessidades sociais que se apresentam.

A Universidade, de certa maneira, vem sofrendo uma transformação, rompendo com os paradigmas que vão “de encontro” aos anseios da sociedade. Amplia-se a necessidade da aprendizagem “com significado”, onde a reflexão sobre o social e sobre a história local, regional e universal, seja a condição para a construção de uma nova história da humanidade fundamentada na melhoria da qualidade social da vida humana.

Referências Bibliográficas

- LEITE, Denise & MOROSINE, Marília (Orgs) – *Universidade Futurante – Produção do Ensino e Inovação*. Campinas, SP; Papirus, 1997
- RIBEIRO, Darcy. *A Universidade Necessária*. Editora Paz e Versos. Rio de Janeiro. 1969
- TEIXEIRA, Anísio. *Educação e Universidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. 1993
- TOBIAS, José Antônio. *Universidade: formação humana e profissional*. AM Edições. São Paulo. 2ª ed. 1996